

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

BRUNO NEVES QUADROS

**POLÍTICA INDUSTRIAL NO BRASIL: A QUEDA DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL E UMA
REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO INDUSTRIAL DA CORÉIA DO SUL DE 1994 A 2021**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MANAUS

2023

BRUNO NEVES QUADROS

Política industrial no Brasil: A queda da produção industrial e uma reflexão sobre o processo industrial da Coréia do Sul de 1994 a 2021

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Econômicas, da Universidade do Estado do Amazonas, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Me. Felipe Rocha Presado Menezes de Barros

MANAUS

2023

Resumo

O presente estudo discorre a respeito do notório processo de desindustrialização brasileira nas últimas décadas, muito devido às próprias políticas industriais e projetos de desenvolvimento que não se mostraram capazes de melhorar o panorama industrial, como a Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e o Plano Brasil Maior, além de outros componentes econômicos. Dado o avanço em torno dos debates sobre desenvolvimento econômico e suas correntes de pensamento, e posto que a Coreia do Sul é um país altamente desenvolvido social e economicamente atualmente, surge o questionamento: Se no panorama do começo da década de 1980, a Coreia do Sul tinha um PIB per capita menor que o Brasil, e no final da mesma década, o país asiático já apresentava uma renda quase três vezes maior que a brasileira, sendo que tal diferença persiste nos dias atuais, o que aconteceu na década de 1980 e nas anteriores para o destino dos dois ser tão diferente? A pesquisa procura realizar uma análise das correntes de pensamento desenvolvimentista e uma comparação das políticas adotadas no Brasil com as adotadas na Coreia do Sul, que como se sabe, fez o país alavancar seu desenvolvimento econômico, por meio de políticas intervencionistas e a adoção de empresas nacionais. Utilizando-se de uma pesquisa bibliográfica, com consulta a artigos científicos e livros publicados em periódicos, o período analisado foi do ano de 1994 e 2021. Além da bibliografia, será utilizado um indicador de desindustrialização relativa, utilizando-se de dados retirados do Banco Mundial, o período analisado foi de 1994 a 2021. Através dessas medidas, foi possível validar o resultado das políticas adotadas pelos países e concluir como a Coreia do Sul, ao não aceitar ser dependente de países desenvolvidos e adotando políticas industriais ativas, conseguiu apresentar um desempenho industrial muito superior ao brasileiro.

Palavras-chave: Desenvolvimento econômico, Industrialização, Coreia do Sul, Brasil.

Classificação JEL: E60, L60, N60, O14, P17.

Abstract

The present study discusses the notorious process of Brazilian deindustrialization in recent decades, largely due to its own industrial policies and development projects that have failed to improve the industrial landscape, such as the Industrial, Technological and Foreign Trade Policy and the Brasil Maior Plan, among other economic components. Given the progress around economic development debates and their streams of thought, and given that South Korea is currently a highly socially and economically developed country, the question arises: If in the panorama of the early 1980s, South Korea had a lower per capita GDP than Brazil, and by the end of the same decade, the Asian country already had an income almost three times higher than the Brazilian one, with such difference persisting to this day, what happened in the 1980s and earlier for the fate of the two to be so different? The research seeks to conduct an analysis of developmentalist streams of thought and a comparison of policies adopted in Brazil with those adopted in South Korea, which, as is known, leveraged its economic development through interventionist policies and the adoption of national companies. Using a bibliographic research, consulting scientific articles and books published in journals, the period analyzed was from 1994 to 2021. In addition to the bibliography, a relative deindustrialization indicator will be used, using data from the World Bank, the period analyzed was from 1994 to 2021. Through these measures, it was possible to validate the results of the policies adopted by the countries and conclude how South Korea, by not accepting dependence on developed countries and adopting active industrial policies, managed to present a much higher industrial performance than Brazil.

Key-words: Economic Development, Industrialization, Korea, Brazil.

JEL Classification: E60, L60, N60, O14, P17.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	5
2	REFERENCIAL TEÓRICO	7
2.1	A ESCOLHA “FORÇADA” DE PAÍSES PERIFÉRICOS NAS RELAÇÕES ENTRE MULTINACIONAIS E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO.....	7
2.2	SUBDESENVOLVIMENTO E DEPENDÊNCIA – UMA ANÁLISE FURTADIANA PARA O BRASIL.....	8
2.3	O CONSENSO DE WASHINGTON	10
2.4	A ESTRATÉGIA DE QUEBRAR AS “AMARRAS” EM HA-JOON CHANG DEU CERTO PARA A COREIA DO SUL?	11
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS	14
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	14
3.2	FONTE DE DADOS	14
3.3	ORGANIZAÇÃO DOS DADOS	14
3.4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
4	RESULTADOS	17
4.1	A DESINDUSTRIALIZAÇÃO RELATIVA NO BRASIL	17
4.2	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	25
5	CONCLUSÃO	26
	REFERÊNCIAS	27

1 Introdução

Ao longo da história econômica, diversos autores questionaram como seria possível alavancar o desenvolvimento de um país em desenvolvimento. Porém, o que será observado será entender a diferença entre países que aceitaram uma certa dependência de países centrais daqueles que recusaram ter essa relação “forçada”.

Dessa forma, o Brasil será colocado em evidência neste estudo. Trata-se de um país que já teve taxas de crescimento altíssimas entre os anos de 1960-70, por meio de políticas expansionistas, porém que nas últimas décadas, viu esse crescimento elevado se esvaziar, até chegar em graves momentos de recessão, ao mesmo tempo que se testemunhou uma diminuição acelerada da participação da indústria no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

O principal objetivo desse estudo foi analisar o desempenho industrial de Brasil e Coréia do Sul, a partir da visão de autores que abordam os temas sobre desenvolvimento de países periféricos, e assim, analisar as políticas econômicas que o Brasil adotou nesse período de 1994 a 2021, e a partir disso, fazer uma comparação com o modelo industrial da Coréia do Sul, que se pode dizer, é um case de sucesso entre os países de industrialização retardatária. Por meio de levantamento bibliográfico e a utilização de dados, buscou-se identificar a diferença na política dos dois países e seus respectivos resultados ao longo das épocas.

Em seguida, analisou-se o desempenho industrial relativo do Brasil em relação a Coréia do Sul, por meio do indicador de desindustrialização relativa, com o fim de haver um melhor entendimento da complexidade industrial na economia brasileira e sul-coreana, nesse período de 1994 a 2021.

Trata-se de um tema de grande relevância para analisar a economia brasileira, tendo em vista que muitos estudos discutem a industrialização, porém mesmo com o grande debate sobre a importância da indústria em uma economia periférica, não se é muito utilizada novas ferramentas, como o indicador de desindustrialização relativa, que traz uma análise mais fiel a realidade.

Tendo em vista a importância da indústria na economia de um país, considerando que todos os países desenvolvidos têm indústrias estabelecidas, este estudo se propõe a responder as seguintes questões: por quê entre dois países, no qual até a década de 1980, um tinha uma renda maior que o outro, no final da mesma

década, o país com a renda menor obtém o triplo da renda per capita do outro, e essa diferença vem aumentando ao passar do tempo? O que foi o causador do processo de desindustrialização brasileiro?

A estrutura deste trabalho foi distribuída na seguinte forma: na seção 1 se caracterizará a introdução, apresentando a desindustrialização do Brasil e suas características. Na seção 2 será realizada a descrição do método utilizado na pesquisa, apresentando o indicador de desindustrialização relativa. A partir da seção 3 é realizada a discussão teórica, onde serão apresentadas principalmente as teorias de intelectuais sobre o desenvolvimentismo econômico, bem como uma análise sobre a presença de empresas de países desenvolvidos em países em desenvolvimento, além da apresentação do processo de desindustrialização no Brasil e uma breve comparação com a Coreia do Sul. Por fim, na seção 4 será discutido os resultados encontrados nos estudos acerca do indicador de desindustrialização relativa, e finalizando na seção 5 com os comentários finais.

2 Referencial teórico

2.1 A escolha “forçada” de países periféricos nas relações entre multinacionais e desenvolvimento econômico

Levando como exemplo o polo Industrial de Manaus, podemos perceber a relação entre empresas multinacionais e regiões que são consideradas ainda em desenvolvimento. Até o meio do século XX, a área que abrange o território do Amazonas era deserta, e em uma tentativa de “integrar para não entregar” do regime militar na época, foi criada a Zona Franca de Manaus com o intuito de promover o desenvolvimento econômico e a industrialização da região por meio de incentivos fiscais, principalmente, para atrair investimentos e empregos para a região.

Porém, várias décadas se passaram, e esse modelo vem sendo questionado, ora por aqueles que defendem uma economia com menos incentivos fiscais e outras vantagens, ora por aqueles que acreditam que esse modelo de industrialização já não faz mais sentido para a economia amazonense, visto que, quando foi implementado, havia pouquíssimos habitantes na região, e realmente era preciso haver investimentos externos para que essa área se desenvolvesse.

A relação entre as multinacionais e os países periféricos é marcada por uma escolha “forçada”, que resulta em um processo de desenvolvimento desigual e dependente, onde os países periféricos são forçados a escolher entre aceitar as condições impostas pelas multinacionais ou ficar à margem do processo de desenvolvimento tecnológico e econômico. Celso Furtado (1978) retrata bem essa relação:

A pressão que exercem as empresas transnacionais no quadro dessas novas formas de mercado, que combinam elementos da “concorrência monopolística” com as estratégias dos oligopólios, no sentido de difundir as formas mais sofisticadas de consumo que engendra a civilização industrial, constitui uma das causas básicas da crescente heterogeneidade social do mundo dependente. (FURTADO, 1978, p.68).

Devido à sua capacidade de controlar o fluxo de tecnologia, de capital e de informação, as empresas estrangeiras conseguem uma posição dominante na relação com os países periféricos, e até um certo apoio público, pelos empregos e investimentos que tal multinacional realiza no território. Porém, isso implica na submissão desses países às condições impostas pelas multinacionais, o que muitas

vezes resulta em uma transferência de riqueza e tecnologia dos países emergentes para os países desenvolvidos.

Essa escolha "forçada" tem consequências profundas para o processo de desenvolvimento dos países periféricos, visto que o lucro que empresas estrangeiras auferem no país considerado em desenvolvimento, não permanecerá, e sim voltará para o país de origem da multinacional. Sendo assim, ao aceitar as condições impostas pelas multinacionais, os países periféricos se tornam dependentes das empresas estrangeiras, o que limita a sua capacidade de inovação e de desenvolvimento tecnológico. Além disso, as multinacionais tendem a concentrar as atividades de pesquisa e desenvolvimento nos países centrais, o que acaba reforçando cada vez mais o isolamento dos países periféricos em relação a inovação e criação de novas tecnologias.

Dessa forma, uma forma de superar essa relação de dependência é através da promoção de uma política industrial, de modo que pelo menos uma parte do lucro ou das tecnologias que são conquistadas, permaneçam no próprio território. Essa política industrial deve ser acompanhada por políticas sociais que promovam a igualdade social e a democratização do poder. Assim, os países periféricos poderão promover o desenvolvimento tecnológico e econômico de forma autônoma, sem ficar à mercê das multinacionais e das condições impostas pelos países centrais.

2.2 Subdesenvolvimento e dependência – Uma análise furtadiana para o Brasil

Ao abordar a questão da relação entre países periféricos e países desenvolvidos, Furtado (1974) analisa o fenômeno histórico e socialmente construído, que resulta da relação desigual entre os países centrais, considerados desenvolvidos e os países periféricos, considerados emergentes.

O subdesenvolvimento é um resultado da expansão do capitalismo em escala global, que criou uma divisão internacional do trabalho desigual. Os países centrais se tornaram os principais produtores e exportadores de bens manufaturados, enquanto os países periféricos se especializaram na produção e exportação de matérias-primas e produtos primários.

Essa divisão internacional do trabalho criou uma relação de dependência econômica dos países periféricos em relação aos países centrais. Furtado (1974) argumenta que os países periféricos foram historicamente submetidos a um processo de exploração econômica, advindos dos tempos de colonização, onde os europeus exploravam os recursos naturais desses países, e conseqüentemente resultou em uma transferência de riqueza desses recursos do Sul para o Norte. Assim, Furtado (1974) argumenta sobre a diferença do processo de industrialização entre os países centrais e periféricos:

Sobra dizer que a industrialização que atualmente se realiza na periferia sob o controle das grandes empresas é processo qualitativamente distinto da industrialização que, em etapa anterior, conheceram os países cênicos, e ainda mais, da que nestes prossegue no presente. O dinamismo econômico no centro do sistema decorre do fluxo de novos produtos e da elevação dos salários reais que permite a expansão do consumo de massa. Em contraste, o capitalismo periférico engendra o mimetismo cultural e requer permanente concentração da renda a fim de que as minorias possam reproduzir as formas de consumo dos países cênicos. (FURTADO, 1974, p.45).

Dessa forma, uma das formas de superar a pobreza e a dependência econômica é através da promoção de políticas de desenvolvimento econômico autônomo e sustentável, além de superar a dependência tecnológica que esses países têm com os chamados países centrais. Isso envolve a criação de um modelo de desenvolvimento que leve em conta as características e potencialidades locais, promovendo a industrialização, diversificação produtiva, e claro, a necessidade de se investir em ciência e tecnologia. (FURTADO, 1974).

A superação do subdesenvolvimento não pode ser alcançada através da imitação dos modelos de desenvolvimento dos países centrais, que foram construídos em um contexto histórico e social diferente, como foi proposto pelo Consenso de Washington, que se propôs práticas liberais como garantia de desenvolvimento para países emergentes (BATISTA, 1994). É necessário criar um modelo de desenvolvimento que leve em conta as especificidades dos países periféricos, promovendo a participação ativa das camadas populares e a democratização do poder.

Dessa forma, cada país deve ter seu próprio modelo, considerando a própria particularidade e complexidade de sua economia e sociedade. A partir disso, podemos analisar países como a própria Coreia do Sul e China, que desrespeitaram o consenso e conseguiram alavancar seu crescimento, e países como o Brasil, que nos governos posteriores acabaram cedendo e abrindo um processo de desindustrialização de sua economia e fraco crescimento.

2.3 O Consenso de Washington

Essa discussão em torno da dependência dos países emergentes em relação aos países centrais ficou cada vez mais clara após a reunião do Consenso de Washington, em novembro de 1989. Nesse encontro entre funcionários do governo dos Estados Unidos e de instituições financeiras internacionais, como FMI, Banco Mundial e o BID, onde se registrou a aprovação das políticas já recomendadas para países da América Latina, como Brasil e Peru, e assim, virou um “símbolo” de modernidade nesses países.

Dessa forma, o governo americano, que insistentemente, na figura de Ronald Reagan, propagava o ideal neoliberal, conseguiu que essa visão de economia fosse apresentada de forma global ao mundo, e assim, países em desenvolvimento deveriam continuar adotando esse tipo de política, mais alinhada ao liberalismo econômico.

Esse consenso repercutiu na América Latina, e influenciou o pensamento econômico à época, onde o pensamento entre as classes dirigentes era que a crise econômica que assolava esses territórios era devido a fatores relacionados às políticas nacionalistas, e que reformas como as propostas pelo Consenso de Washington deveriam ser adotadas para a solução. Essas políticas foram endossadas por economistas e cientistas políticos que se formaram em universidades norte-americanas e reforçavam a ideia da necessidade de reformas “modernizadoras”, e que posteriormente, assumiram cargos de comando em seus países, como Domingo Cavallo na Argentina, ao mesmo tempo em que aqueles que discordavam desses economistas “modernos”, eram taxados de retrógrados e atrasados pela imprensa.

Dessa forma, Batista (1994), aponta como países como Brasil, México e Argentina, que adotaram o modelo liberal, começaram a sofrer tensões em seus

balanços de pagamentos, que os faziam ter a possibilidade de uma crise no câmbio e em suas políticas de estabilidade monetária, ao mesmo tempo em que o “Terceiro Mundo” que não adotou as propostas liberais, no qual a Coreia do Sul se encaixa, estava se saindo bem no mesmo período.

Assim, fica nítido como a América Latina serviu como um laboratório onde as instituições financeiras junto com os Estados Unidos e endossados por economistas desinteressados com a complexidade dessas regiões, puderam fazer experiências em prol de uma suposta receita que poderia trazer “modernidade” e desenvolvimento econômico para esses países.

2.4 A estratégia de quebrar as “amarras” em Ha-Joon Chang deu certo para a Coreia do Sul?

A necessidade de quebrar as "amarras" (ou "barreiras") impostas pelo livre comércio em Ha-Joon Chang (2004) é uma das principais ideias defendidas pelo economista sul-coreano em seu livro "Chutando a Escada: A Estratégia do Desenvolvimento em Perspectiva Histórica". Essa estratégia envolve a adoção de políticas industriais intervencionistas, incluindo a proteção temporária da indústria local contra a concorrência estrangeira, para permitir o desenvolvimento de suas respectivas indústrias nascentes, algo que foi muito usado por países desenvolvidos atualmente, segundo Chang:

A análise da experiência do pós-guerra dos países do Leste Asiático deixa uma vez mais patente a semelhança entre suas políticas ICT e as anteriormente implementadas pelos outros PADs, a começar pela Grã-Bretanha no século XVIII, os Estados Unidos no XIX, e posteriormente, no fim desse século no início do XX, a Alemanha e a Suécia. Mas é importante notar que os países do Leste Asiático não se limitaram a meramente copiar as medidas adotadas pelos mais desenvolvidos. As políticas ICT que eles e alguns outros PADs, como a França, adotaram no pós-guerra eram infinitamente mais sofisticadas e afinadas do que suas equivalentes históricas. Os países do Leste Asiático valeram-se de subsídios à exportação (tanto indiretos quando diretos) mais substanciais e mais bem planejados, e aliás, tributaram muito menos a exportação do que seus antecessores (Westphal, 1978; Luedde-Neurath, 1986; Chang-1993). Como venho salientando reiteradamente, aplicou-se amplamente a estratégia de redução dos impostos de importação de matéria-prima e maquinário para a indústria de exportação – método a que muitos PADs, notadamente a Grã-Bretanha, recorreram para impulsionar as exportações. (CHANG, 2004, p.92).

Essas amarras mencionadas por Chang (2004) se referem às políticas impostas pelos países desenvolvidos junto a instituições internacionais sobre os países desenvolvidos, fazendo-os adotarem políticas contrárias àquelas que fizeram esses países centrais prosperar e sem nenhuma consideração a complexidade das economias periféricas. Esses países desenvolvidos são os mesmos que se firmaram, adotando políticas industriais, comerciais e tecnológicas, e que acabam empurrando políticas ligadas ao liberalismo econômico, como abertura de mercado, para países mais pobres, visto que tem economias e empresas muito mais sólidas e se beneficiariam desse livre comércio.

Ao exemplificar países de industrialização tardia, Chang se refere a outros países asiáticos, como Japão e China, porém mais especificamente, no caso da Coreia do Sul, a adoção dessa estratégia foi fundamental para o desenvolvimento econômico do país. A partir da década de 1960, o país adotou políticas protecionistas para incentivar o desenvolvimento da indústria nacional, especialmente em setores como aço, automóveis e eletrônicos. O governo sul-coreano ofereceu subsídios, incentivos fiscais e crédito subsidiado além de impor barreiras tarifárias e não tarifárias às importações, com o fim de incentivar os conglomerados empresariais locais, que viriam surgir a LG e a Samsung.

Essa estratégia permitiu que a indústria sul-coreana crescesse e se tornasse competitiva em escala global. O país investiu em pesquisa e desenvolvimento para melhorar a qualidade e a eficiência de seus produtos, e também focou na exportação para expandir seus mercados e gerar receita. Além disso, o governo sul-coreano implementou políticas para melhorar a educação e a formação profissional da população, o que ajudou a criar uma mão de obra qualificada para a indústria.

Ao longo dos anos, a Coreia do Sul se tornou uma das principais economias exportadoras do mundo. O país se destacou em setores como tecnologia da informação, semicondutores, navios e maquinário pesado, e se tornou um dos líderes globais em inovação e tecnologia. O sucesso da estratégia de quebrar as "amarras" em Ha-Joon Chang na Coreia do Sul foi evidenciado pela rápida transformação do país, que passou de uma economia agrícola e dependente de importações para um país desenvolvido e exportador em apenas algumas décadas.

Dessa forma, pode-se afirmar que a estratégia de quebrar as "amarras" em Ha-Joon Chang (2004) deu certo para a Coreia do Sul, ao permitir o desenvolvimento de uma indústria competitiva e a transformação do país em uma das economias mais avançadas do mundo. No entanto, é importante lembrar que essa estratégia deve ser adaptada às condições específicas de cada país, mesmo que vários países como Alemanha, Estados Unidos e Espanha, que são considerados países desenvolvidos, tenham praticado políticas protecionistas.

3 Aspectos metodológicos

3.1 Caracterização da pesquisa

Em termos metodológicos, este estudo, trata-se de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa. Quanto aos objetivos, ela é descritiva e, quanto aos procedimentos, é bibliográfica.

3.2 Fonte de dados

Para a construção do indicador de desindustrialização relativa, neste estudo foram utilizados dados industriais retirados do Banco Mundial, do período de 1994 a 2021. Foram escolhidos os dados referentes ao valor de produção industrial dos países abordados, Brasil e Coréia do Sul.

3.3 Organização dos dados

Ao definir o período analisado, o estudo buscou uma série histórica de 1994-2021, a fim de verificar as mudanças ocorridas desde a implantação do Plano Real até o mais recente que se tem.

Para procedimentos de cálculos, os dados de valor de produção industrial dos dois países foram organizados em uma tabela, onde nas colunas foram selecionados os países a serem analisados, e nas linhas os anos a serem observados.

Visto que esse trabalho está analisando o valor de produção industrial, é necessário explicar que foi considerado o valor agregado da manufatura respectivo de cada país, no período selecionado.

3.4 Procedimentos metodológicos

Há teorias e análises mais conhecidas que analisam que a industrialização de um país está diretamente relacionada ao percentual da indústria nos empregos e no Produto Interno Bruto, e dessa forma, se esboça um panorama se ao longo do tempo se tal país está industrializando sua economia ou indo para o caminho inverso.

Porém, ao adotar essa metodologia de análise, o pesquisador pode cair em um erro ao fazer as análises individuais de cada país e comparar dois países que sejam incomparáveis. Se ao realizar este estudo, só fosse utilizado o percentual de empregos na indústria de Brasil e Coréia e a participação no PIB, ocorreria um erro conceitual grave, por não considerar os graus de desenvolvimento muito diferentes entre estes dois países.

Dessa forma, o indicador de desindustrialização relativa, que foi apresentado por Marcelo Arend (2015), em seu livro *A Industrialização Do Brasil Ante A Nova Divisão Internacional Do Trabalho*, pode ser usado com o fim de evitar interpretações equivocadas e conseguir extrair uma melhor percepção da dinâmica industrial. É construído a partir do índice do valor da produção industrial dos países (IVI), que será usado como um número-índice para mostrar a variação relativa da produção industrial (VPI) de tal país em relação ao país de referência, entre determinado período.

A partir do indicador de desindustrialização relativa, poderemos analisar qual foi o desempenho industrial no mesmo período, entre o Brasil, um país que adotou as práticas do Consenso de Washington, e a Coréia do Sul, que “desrespeitou” o tratado e viveu uma onda de crescimento e prosperidade econômica. Para efeito de cálculo e construção do indicador de desindustrialização relativa (DRI) foram considerados a série histórica do valor de produção industrial de Brasil e Coréia do Sul, no período de 1994 a 2021.

Primeiramente, é preciso coletar os dados referentes ao valor de produção industrial dos países no determinado período, e a partir disso, realizar o cálculo:

$$IVI_{t+n} = \left(\frac{VPI_{t+n}}{VPI_t} \right) * 100$$

O DRI é estruturado com base nesse índice de valor de produção industrial (IVI), no qual se denomina como um número-índice, que é construído a partir da divisão entre os valores da produção industrial entre períodos. Dessa forma, o IVI neste estudo será expresso pela fórmula, considerando uma série histórica que terminará em 2021:

$$IVI_{1994, 2021} = \left(\frac{VPI_{2021}}{VPI_{1994}} \right) * 100$$

Sendo assim, esse número poderá transmitir a variação relativa no período entre os valores de produção industrial de cada país, e será usado neste estudo para se realizar uma comparação do desempenho industrial de Brasil e Coréia do Sul entre os anos de 1994 e 2021.

A partir do IVI, o DRI será estruturado pela seguinte fórmula:

$$\text{DRI Brasil} = \text{IVI Brasil} / \text{IVI Coréia do Sul}$$

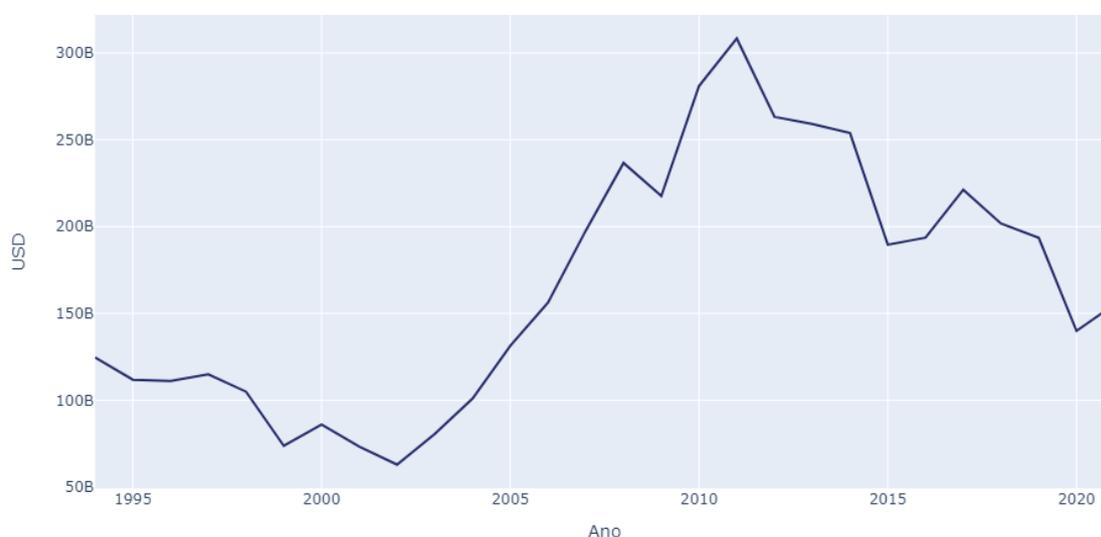
Se o DRI > 1, poderá se demonstrar como o Brasil está tendo um desempenho industrial a uma taxa mais elevada que a Coréia do Sul. Porém, caso o DRI for menos que 1, mostrará que o Brasil se desindustrializou em relação a própria Coréia.

4 Resultados

4.1 A desindustrialização relativa no Brasil

É necessário apresentar os resultados com os cálculos obtidos através do indicador de desindustrialização relativa (DRI), usando como referência a Coréia do Sul, para se analisar qual foi o desempenho industrial brasileiro no período de 1994 a 2021. Porém, primeiramente vamos analisar o contexto da economia brasileira nesse período. O gráfico 1 demonstra o desempenho industrial brasileiro de 1994 até 2021, representando todas as variações ocorridas nesse período.

Gráfico 1 – Valor de produção industrial do Brasil, 1994 até 2021



Fonte: Banco Mundial. Elaboração própria.

Com a chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) ao poder, se tinha uma expectativa pela criação de uma nova política industrial para o Brasil, e já em 2004, o governo lançou a PITCE – Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior, e nos demais anos, ainda praticou a PDP - Política de Desenvolvimento Produtivo e o Plano Brasil Maior.

A PITCE foi um plano de ação que tinha uma visão de longo prazo, tendo como principal objetivo a inovação e aumento de valor aos processos, produtos e serviços

da indústria nacional, porém recebeu diversas críticas pela falta de clareza nos objetivos e nas metas em seu plano. Como forma de continuar com a PITCE, o governo criou a PDP, com o dever de fortalecer a economia do país e sustentar o crescimento, já com metas claras a serem seguidas.

No período de transição entre os governos Lula e Dilma, no período de 2009 a 2011, a política econômica foi caracterizada pela crise do sub-prime nos Estados Unidos, e para contornar esses efeitos, o governo praticou políticas anticíclicas, com a diminuição da taxa básica de juros, expansão do crédito via BNDES e aumento do investimento público. Após o período mais intenso da crise, o governo deu início a uma consolidação fiscal e monetária, o que ocasionou em aumento da taxa de juros e redução de gastos. Somando isso, uma deterioração da política econômica no triênio de 2012 até 2014, que causou declínio do valor de produção industrial brasileiro, com a queda do preço das commodities, uma depreciação do câmbio e a baixa do comércio mundial, além do enfraquecimento das políticas de estímulo do próprio governo.

A partir das observações, é possível analisar o crescimento da produção industrial a partir do começo da década de 2000, com o começo do governo Lula e um começo de valorização da indústria por meio de projetos de desenvolvimentos, e no intervalo, a crise de 2008 ocorrida nos Estados Unidos e espalhada por toda economia mundial. Ainda pode se ver após a crise, um pico da produção industrial no governo Dilma, mas que foi se esvaziando cada vez mais ao longo dos anos, a partir do fim do Plano Brasil Maior e a entrada em uma recessão a partir de 2014, mesmo com a adoção da Nova Matriz Econômica.

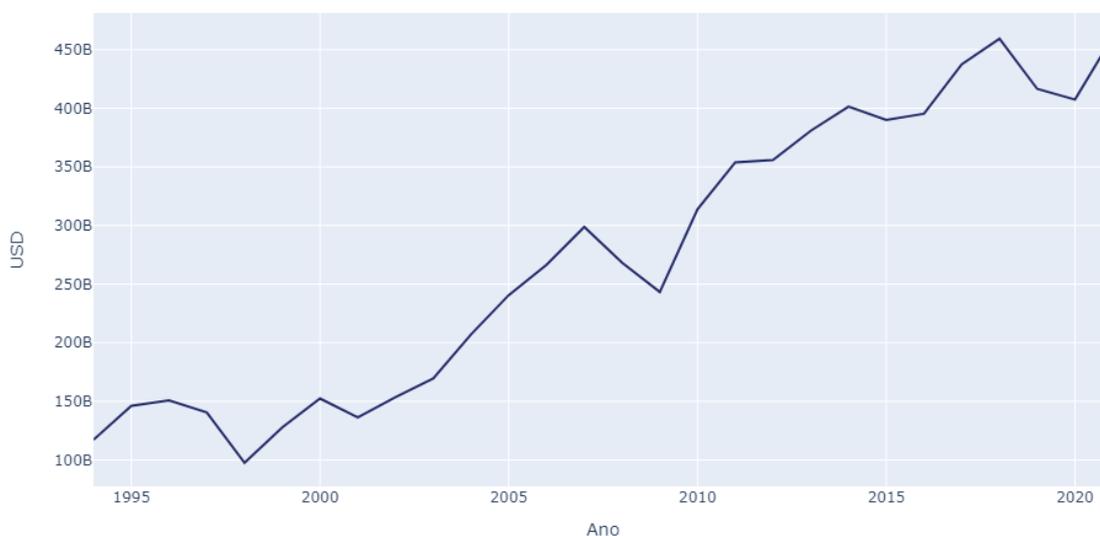
Com o fim da chamada Nova Matriz Econômica e a necessidade de um ajuste fiscal, o período de 2015 até 2017, se caracterizou com políticas fiscais e monetárias contracionistas, como aumento nas taxas de juros e liberalização de preços, porém mais uma queda dos preços das commodities e os efeitos da Operação Lava Jato trouxeram efeitos negativos para essas medidas, e com o aumento da polarização política no país, Dilma Rousseff foi afastada do cargo.

Após o impeachment da Presidente Dilma, o Brasil começa a se alinhar mais ao pensamento ortodoxo-liberal com a condução de Michel Temer em 2016 e o aprofundamento em Jair Bolsonaro, a partir de 2019. Essa mudança na política

econômico pode ser exemplificada com reformas liberalizantes, como a reforma trabalhista, a reforma da previdência e o teto de gastos, privatização de empresas estatais, uma forte contração fiscal e uma série de políticas liberais para fortalecer o setor privado e diminuir o investimento público visto nos governos petistas.

Visto que a Coréia do Sul entrou no século XXI com um outro panorama industrial, de uma complexidade muito maior que o brasileiro, as políticas industriais terão um perfil diferente. Como comparação nesse estudo, o gráfico 2 mostra o agregado da manufatura na Coréia do Sul nesse período escolhido.

Gráfico 2 – Valor de produção industrial da Coréia do Sul, 1994 até 2021.



Fonte: Banco Mundial. Elaboração própria.

Apesar de entrar no século XXI com uma complexidade industrial muito maior que a brasileira, a Coréia do Sul sofreu uma grave crise no ano de 1998, que fez seu valor de produção industrial ser menor do que o Brasil. Como alternativa para fugir da crise, a Coréia realizou reformas propostas pelo Fundo Monetário Internacional, visto que estava em supervisão do fundo.

E ainda nesse cenário de crise, o governo de oposição de Kim Dae-Jung toma posse, com propostas mais ligadas a globalização e realizou algumas reformas propostas pelo FMI, como a bancária, além da liberalização econômica colocada em

prática, como a redução das empresas públicas. Em 2003, assume Roh Moo-Hyun, porém assumiu com um grande endividamento da população e um baixo índice de investimento herdados do governo anterior. Em geral, seu mandato teve bons resultados em relação às propostas do FMI e um aumento nas reservas internacionais do país. Porém, segundo o Banco da Coreia (2007), a gestão de Roh termina com uma retração da indústria e uma desaceleração na economia, ainda mais intensificada em 2008, com a crise do sub-prime ocorrida nos Estados Unidos e atingiu todo o mundo.

Com a volta do partido conservador ao poder, Lee Myung-Bak adotou uma ideia central de desenvolvimento baseada no crescimento verde, porém o plano não estava focado ao meio ambiente e regulações internacionais, mas em reencontrar o caminho do desenvolvimento industrial e da pesquisa e desenvolvimento, e de incentivar as micro e pequenas empresas por meio de crédito.

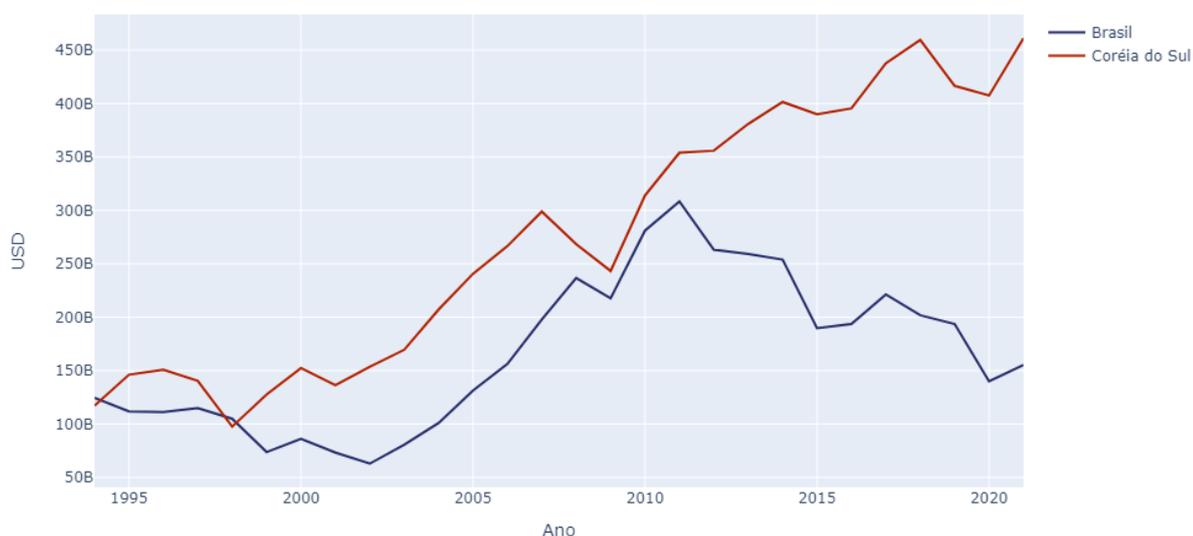
Em um outro ponto do plano sul-coreano, há a geografia do país, que para desenvolver indústrias em regiões que houvesse pelo menos de 5 milhões de habitantes, foi criado o Programa Indústrias Líderes, como política de desenvolvimento regional e colaboração entre regiões

Em novas eleições, em 2013, assume Park Geun-Hye, filha do ditador Park Chung-Hee, que propôs um Plano de Ação para uma Economia Criativa, que tinha o entendimento de que a Coreia já estava entre os países desenvolvidos do mundo, e uma grande complexidade em sua indústria, e que era preciso dar continuidade ao desenvolvimento tecnológico. O Plano foi caracterizado pela criação de novos mercados e empregos com a criatividade e inovação, buscar o fortalecimento da liderança do país com uma economia criativa, e a manifestação da criatividade na população.

Dessa forma, a Coreia já se enxergava em um patamar acima na liderança tecnológica e pioneira de novos mercados, e como suporte ao Plano de Ação, foi criado o Plano de Três Anos para a Inovação Econômica, com a proposta de desenvolver novos mercados externos, incentivar uma concorrência entre as empresas e trazer uma produtividade maior ao governo, ter um crescimento a partir da inovação, além de aumentar o consumo da população e fortalecer o mercado de trabalho para jovens e mulheres.

Como via de comparação, o gráfico 3 expõe as duas linhas do valor de produção industrial de cada país, em cada ano, para ressaltar a disparidade e o descolamento dos dois países com o passar do tempo.

Gráfico 3 – Valor de produção industrial de Brasil e Coréia do Sul, 1994 até 2021.



Fonte: Banco Mundial. Elaboração própria.

Ao analisar as duas linhas, pode-se ver como a Coréia do Sul que por décadas esteve abaixo do Brasil em relação ao valor agregado de manufatura, chegando a superá-lo no período mencionado anteriormente, e a partir do meio da década de 2010, essa diferença ficou cada vez mais marcante.

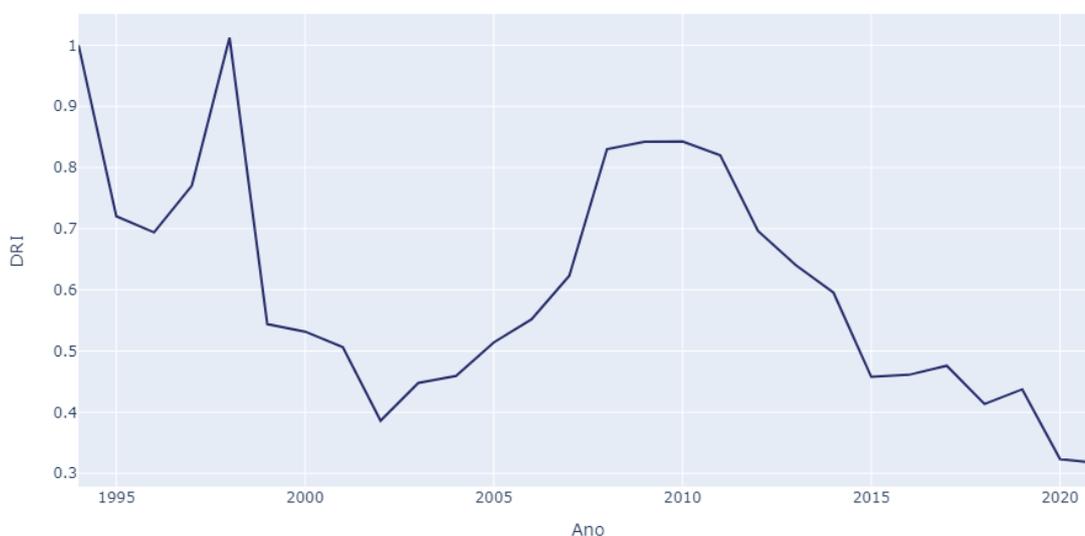
Visto que somente no governo Lula, a política industrial começou a ser retomada como política de governo e de desenvolvimento econômico, a política industrial dos dois países tem um cenário bem diferente. Ao retomar a política industrial em 2003, por meio dos planos PITCE, PDP E PBM, o Brasil melhorou a complexidade institucional para o desenvolvimento, apesar de os resultados em inovação não terem sido expressivos.

Como a Coréia do Sul, após décadas de uma indústria forte no país, enfrentou um outro cenário de política industrial nesse período, onde no início do século XXI, os governos procuraram diminuir os efeitos da crise da Coréia de 1997. Depois desse período, o país na tentativa de crescer a indústria do país, adota as políticas verdes

de Lee Myung-Bak e do governo de Park, que já acredita que o país deve buscar a inovação tecnológica em todas as políticas implementadas.

A partir do contexto apresentado em políticas econômicas dos dois países, já é possível compará-los. No gráfico 4, está representado o indicador de desindustrialização relativa do Brasil em relação a Coréia do Sul em cada ano, de 1994 a 2021.

Gráfico 4 – Indicador de desindustrialização relativa por ano do Brasil em relação a Coréia do Sul, de 1994 a 2021.



Fonte: Banco Mundial. Elaboração própria.

Ao ser realizado o cálculo do DRI ano a ano e observando o gráfico, pode-se ver como no ano em que a crise da Coréia estourou, o Brasil chegou a ter um desempenho industrial superior ao sul-coreano, com o indicador apontando com 1,01.

Porém, com as políticas econômicas sul-coreanas muito mais voltadas ao desenvolvimento e as brasileiras a partir de 2015, mais voltadas à ortodoxia econômica, se registrou um número aproximado de 0,32 entre o índice de valor industrial dos dois países, o que indica que, mesmo com a Coréia enfrentando uma grave crise nesse meio tempo, o Brasil apresentou apenas 32% do desempenho industrial da Coréia do Sul nesse período pós-Plano Real até 2021.

A partir desse resultado, o gráfico 5 poderá mostrar a razão entre o valor de produção industrial pela população de cada país pode ser encontrada no gráfico 5, como forma de identificar a estagnação industrial brasileira.

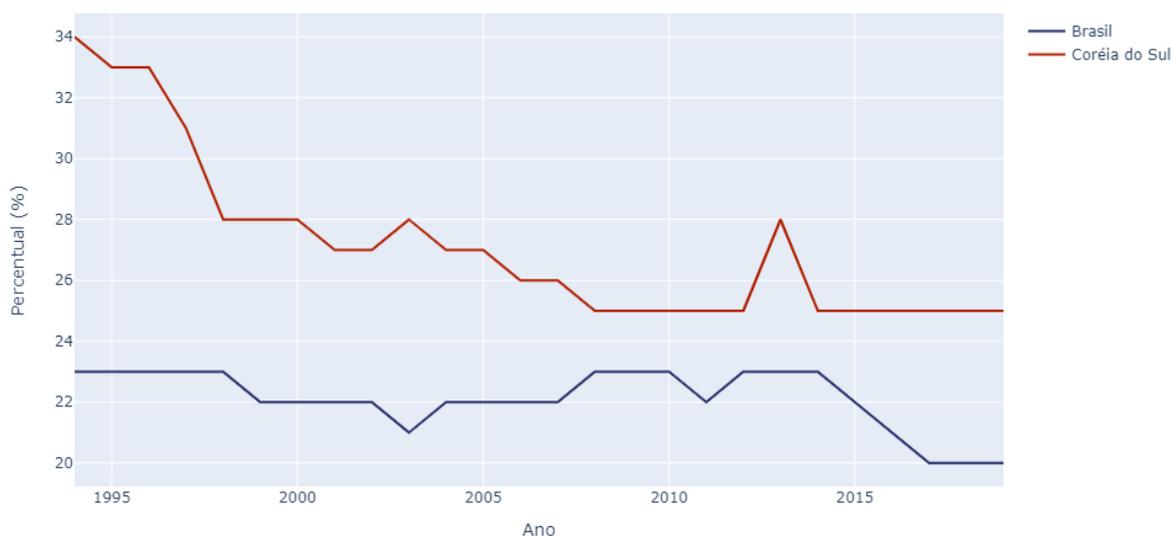
Gráfico 5 – Valor de produção industrial per capita de Brasil e Coréia do Sul de 1994 até 2021.



Fonte: Banco Mundial. Elaboração própria.

No período analisado, o Brasil teve uma melhora no seu aparato institucional brasileiro em relação a indústria e implantou três projetos industriais a partir de 2003, ao mesmo tempo que a Coréia ainda se recuperava de uma grave crise e já tinha uma complexidade industrial muito maior que o Brasil. Porém, mesmo assim, o gráfico 5 constata como a produtividade industrial brasileira se manteve praticamente estagnada desde o começo do Plano Real, enquanto houve uma disparada no país asiático.

Gráfico 6 – Percentual de emprego na indústria sobre o emprego total nas economias de Brasil e Coréia do Sul, de 1994 até 2019.



Fonte: Banco Mundial. Elaboração própria.

E como forma de salientar a estagnação na produtividade brasileira na indústria, o gráfico 6 apresenta o percentual do emprego na indústria sobre o emprego total nas economias brasileira e sul-coreana no período citado. Pode-se perceber pelos gráficos como apesar de os dois países terem uma participação do emprego na indústria relativamente parecida, o valor de produção industrial per capita entre eles há uma diferença absurda, que seguiu aumentando com os anos.

Apesar de o percentual de emprego na indústria na Coreia do Sul ter relativamente caído, a produção industrial per capita cresceu cada vez mais, confirmando que a produtividade industrial no país tem aumentado cada vez mais. Enquanto que no Brasil, os números se mantiveram estagnados por todo esse período, tendo uma queda significativa a partir do ano de 2017, quando políticas ortodoxas começaram a ser implantadas no país.

Dessa forma, é demonstrado como os projetos industriais brasileiros não obtiveram resultados expressivos em inovação, o que continuou assim com os governos ortodoxos de Michel Temer e Jair Bolsonaro. E pelo fato de a Coreia já ter uma complexidade bastante superior na indústria, herdada de governos anteriores, a principal missão no século XXI para o país foi de reparar possíveis efeitos advindos

da crise de 1997/98, e voltar a praticar políticas de desenvolvimento, principalmente da indústria, com o fim de cada vez mais ser pioneiro nos mercados do futuro.

4.2 Discussão dos resultados

Todos os países no mundo têm sua complexidade na economia e indústria, que devem ser consideradas. Foi possível constatar que o Brasil, um país que já teve uma participação da indústria de 34% no PIB no ano de 1984 (Banco Mundial), sofreu um expressivo processo de desindustrialização relativa em relação ao país sul-coreano. As principais causas desse processo podem se dar às políticas adotadas no Consenso de Washington, como abertura de mercado, que enfraquece a indústria nacional, e diversos programas de desenvolvimento fracassados, como o Brasil Maior e a Política de Desenvolvimento Produtivo.

Os resultados apresentados apontam que o Brasil sofreu uma grande desindustrialização relativa de sua economia em relação a economia sul-coreana, e só teve 32% do desempenho industrial do país asiático, no período de 1994 a 2021. Isto foi possível observar no Brasil com o valor de produção industrial dos dois países, que comprovam a diferença do valor do agregado da manufatura ao longo desse período.

A partir da análise dos dados e observação dos gráficos, pode-se entender como o Brasil ao aceitar o Consenso de Washington, proposto para países periféricos no começo da década de 1990, enfraqueceu sua indústria nacional, e assumiu uma relação de dependência econômica com os chamados países centrais. Por outro lado, a Coreia que recusou as propostas sugeridas pelo Consenso, conseguiu se desenvolver ainda mais, aumentar sua complexidade industrial e autonomia nacional, e inserindo suas multinacionais em terras brasileiras, explorando mão de obra, recursos naturais e expandindo seu Produto Nacional Bruto.

5 Conclusão

Este estudo teve como objetivo de apresentar uma análise da desindustrialização relativa do Brasil em relação a um país que até a década de 1990, estava atrás em PIB per capita, e por meio de políticas industriais, contrárias ao Consenso de Washington, adotado pelo Brasil, se tornou uma potência industrial e econômica. O período analisado para estudo foi de 1994 a 2021, em razão de ser o período pós-Plano Real, que o Brasil seguiu as políticas mais alinhadas ao liberalismo econômico, e a Coréia do Sul, com políticas mais voltadas ao fortalecimento de sua indústria nacional.

Dessa forma, o estudo focou em recolher dados referentes ao valor de produção industrial dos dois países, para se entender o desempenho industrial individualmente, e assim, foi possível analisar uma expressiva desindustrialização relativa na economia brasileira em relação a economia sul-coreana.

A partir dos dados e informações obtidas através do indicador de desindustrialização relativa e as teorias apresentadas, é possível obter uma série de observações, resultados e reflexões acerca da temática industrial. O DRI é fundamental para conseguir mensurar a desindustrialização relativa de um país em relação a outro, sendo usado como ótima ferramenta para o pesquisador para o entendimento da desindustrialização, nesse caso mais específico, do Brasil em relação a Coréia do Sul.

Podendo-se afirmar que a economia brasileira nesse período, apresentou somente 32% da capacidade industrial da sul-coreana, e assim, podem ser validadas as teorias de Celso Furtado e Ha-Joon Chang para debate, a respeito de crescimento econômico e industrial, além de empresas multinacionais em países considerados como emergentes.

Para futuras pesquisas, é recomendado recolher os dados referentes ao valor agregado da manufatura na tendência mundial, para fazer uma avaliação com o Brasil e identificar os setores da economia para melhor caracterização das transformações na economia brasileira nesse período pós-Plano Real. Além de indicar também elementos como o Produto Interno Bruto e o índice de desenvolvimento humano, para avaliar o bem-estar econômico e social, que são bastante discutidos nesse modelo asiático de desenvolvimento, em países como China, Japão e a própria Coréia.

Referências

- AREND, Marcelo. **A Industrialização do Brasil Ante A Nova Divisão Internacional do Trabalho**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2015.
- BANCO MUNDIAL. **Employment in industry (% of total employment) (modeled ILO estimate) - Brazil, Korea, Rep**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/SL.IND.EMPL.ZS?end=2019&locations=BR-KR&start=1994>. Acesso em 14/03/2023.
- BANCO MUNDIAL. **Manufacturing, value added (current US\$) - Brazil, Korea, Rep**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/NV.IND.MANF.CD?end=2021&locations=BR-KR&start=1994>. Acesso em: 07/03/2023.
- BANCO MUNDIAL. **Population, total - Brazil, Korea, Rep**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/SP.POP.TOTL?end=2021&locations=BR-KR&start=1994>. Acesso em: 07/03/2023.
- BATISTA, Paulo Nogueira. O consenso de Washington. **A visão neoliberal dos problemas latino-americanos**, 1994.
- CHANG, Ha-Joon. **Chutando a escada**. A estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica. Tradução: Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- DUARTE, Thiago. **O Estado desenvolvimentista ideal de Chang: Um estudo do desenvolvimento da Coréia do Sul através da siderúrgica Posco**. 2016. 53 páginas - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- FILHO, Fernando. **A crise econômica de 2014/2017**. Scielo, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/BD4Nt6NXVr9y4v8tqZLJnDt/?lang>. Acesso em: 05 de março de 2023.
- FILHO, Nelson. Revisionismo histórico e ideologia: as diferentes fases da política econômica dos governos do PT. **Brazilian Keynesian Review**, 4(1), p.102-115, 1st Semester/2018.
- FURTADO, Celso. **Criatividade e Dependência na civilização industrial**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FURTADO, Celso. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. Edição integral. São Paulo, Brasil: Editora Paz e Terra S.A, 1974.
- JUNIOR, Márcio. **O Comércio exterior e a desindustrialização prematura da Economia Brasileira contemporânea**. 46 páginas. - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), Brasília, 2021.
- MIGUEZ, Thiago. Et al. **Uma Visão de Política Industrial Para O Brasil: Resultados A Partir De Uma Proposta De Matriz Tecnológica**. BNDES, 2018. Disponível em:

<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/15703/1/Artigo%20Matriz%20Tecnol%c3%b3gica%20-%20Atual.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2023.

MUNGIOLI, Rafael. **Nacionalidade do Capital e Desenvolvimento: alguns aspectos teóricos sobre os “campeões nacionais”**. Disponível em: Disponível em: <https://sep.org.br/anais/Trabalhos%20para%20o%20site/Area%205/77.pdf>. Acesso em: 12 de março de 2023.

NASSIF, André. Estratégias de Desenvolvimento em Países de Industrialização Retardatória: Modelos Teóricos, a Experiência do Leste Asiático e Lições para o Brasil. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v.12, n.23, p. 135-176, jun-2005.

OREIRO, José; PAULA, Luiz. **A economia brasileira no governo Temer e Bolsonaro: uma avaliação preliminar**. ResearchGate, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336147850_A_economia_brasileira_no_governo_Temer_e_Bolsonaro_uma_avaliacao_preliminar. Acesso em: 13 de março de 2023.

PEREIRA, Adriano; DATHEIN, Ricardo. **Multinacionais na indústria brasileira e o processo de desindustrialização**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppge/wp-content/uploads/2021/06/2015-04.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2023.

PEREIRA, Adriano; DATHEIN, Ricardo. Política Industrial Como Instituição Desenvolvimentista: Uma Crítica Ao “Novo Desenvolvimentismo” Baseada Nas Experiências De Brasil E Coreia Do Sul. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v.20, n.1, p. 28-57, jan-abr/2016.

PORTES, Alexandre. **Política Industrial No Século XXI: Os Casos Do Brasil E Da Coreia Do Sul**. 2014. 88 páginas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

VILELA, Flávio; AVELLAR, Ana; VERÍSSIMO, Michele. **Indústria e crescimento econômico: evidências para países desenvolvidos e em desenvolvimento**. Scielo, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/yDMPCd89hQvCcJYQJ8yxXKL/?lang=pt>. Acesso em: 07 de março de 2023.